

O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO EM UM SUJEITO COM DEFICIÊNCIA VISUAL: ESTUDO DE CASO

THE PROCESS OF REFERENCING IN A SUBJECT WITH VISUAL DEFICIENCY:
A CASE STUDY

Kátia Ariane da Silva ¹

Membro do projeto de Manutenção do Educativo do Museu Mineiro

RESUMO

Este artigo analisa as estratégias por meio das quais se realizam os processos referenciais no sujeito cego, a partir dos aspectos teóricos de Luiz Antônio Marcuschi e de outros pesquisadores da área, com o objetivo de possibilitar a compreensão das singularidades que dizem respeito à referenciação em sujeitos cegos. Os resultados da pesquisa demonstraram que, ao se interpretar o processo referencial do indivíduo, acionam-se conceitos de domínios cognitivos e mentais. Os resultados alcançados fortalecem a proposta sustentada por Marcuschi de que a interação é parte fundamental no processo de referenciação entre os sujeitos.

Palavras-chave: Processos referenciais. Cegueira. Interação. Construção de significados.

Este artigo traz uma discussão sobre os aspectos relativos à referenciação em um sujeito com deficiência visual. A concepção sobre referenciação aqui apresentada terá como base a adotada por Marcuschi, em seu livro **Cognição, linguagem e práticas interacionais**, com enfoque no capítulo 5, “Atos de referenciação na interação face a face” dessa obra, em parceria com outros estudos.

Para a realização deste artigo, foi entrevistado João Loures Fontes, 55 anos, formado em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, que é aposentado como analista de sistemas. Ficou cego aos 11 anos.

A princípio, analisar-se-á o processo de referenciação de Fontes. O roteiro da entrevista, que forneceu dados para a análise desse processo, foi enviado por e-mail. Sua resposta também foi enviada por e-mail, apesar de termos feito as mesmas perguntas pessoalmente, para não correremos o risco de não ser fiéis às respostas. Para a análise dessa entrevista, ressalta-se que Marcuschi descarta a concepção tradicional sobre a

¹ Graduada em Comunicação Assistiva LIBRAS e Braille, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), atualmente integra o Projeto de Manutenção do Educativo do Museu Mineiro (Lei de Incentivo à Cultura). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente com o tema: Educação Inclusiva e Museus. E-mail: kat-ariane@hotmail.com.

referência, segundo a qual a língua faz referência ao mundo de forma a representá-lo ou espelhá-lo dentro da linguagem.

A maioria dos processos de referenciação é analisada em termos de construção de objetos de discurso ou de negociação de modelos públicos do mundo. Mas, aqui, foi pesquisado como ocorre esse processo em um sujeito cego. Dividimos o artigo, didaticamente, em tópicos que abordarão o aporte teórico e a análise da entrevista, em conjunto com a exposição dos dados e a conclusão obtida através do estudo. Por isso, nesta pesquisa, partimos do princípio de que toda referenciação auxilia na interação face a face, para a compreensão entre interlocutor e locutor. Também verificamos os mecanismos utilizados por Fontes nesse processo.

APORTE TEÓRICO

Os referentes são representações cognitivas partilhadas pelos interlocutores - sujeitos que participam do processo de interação mediado pela linguagem. Por sua vez, um texto, falado ou escrito, deve ser entendido como uma rede cíclica entre a produção e a compreensão textual ou discursiva. Para Marcuschi,

[...] a referência, na relação face a face, é muito menos uma determinação linguística e muito mais uma ação conjunta num processo interativo com atividades inferenciais realizadas na enunciação [...] (MARCUSCHI, 2007, p. 104).

Segundo essa perspectiva, a mente humana, durante a infância, é capaz de construir significados. Neste texto, apresentamos essa construção a partir do estudo do caso de Fontes, que ficou cego aos 11 anos.

De acordo com Teixeira (2010, p. 132), “[...] um texto falado ou escrito [...] deve ser entendido com uma rede de espaços mentais que seriam estabelecidos para que pudessem operar funções pragmáticas [...]”. Por meio desse processo, são criados, à medida que o discurso se desenrola, e a linguagem passa a ser um instrumento que ajuda a construir o significado e os espaços mentais que auxiliarão os personagens da interação.

Pode-se observar que os autores dialogam em uma rede de conhecimento familiar. Por isso, vale ressaltar que a “língua não é um retrato e sim um trato do mundo isto é uma forma de agir sobre ele”. (MARCUSCHI, 2007, p. 104)

É através da referenciação e da interação entre os sujeitos que a língua, por não ser estática, sofre interferências e se modifica constantemente.

Para Koch (2002), o conhecimento é a habilidade de utilizar os conteúdos aprendidos através da interação social. Marcuschi (2007) refere que, para conhecer uma língua, é necessário dominá-la interativamente a partir do seu uso social.

O sentido de uma palavra, segundo Paulham, citado por Vygotsky (2005, p. 162), “[...] é um fenômeno complexo, móvel, proteico, modifica-se com as situações [...]”. Os significados são transitórios por serem formações dinâmicas que se transformam à medida que as crianças se desenvolvem e se alteram devido às formas como o pensamento atua. Não é apenas o conteúdo de uma palavra que se altera, mas a forma como a realidade é generalizada e refletida numa palavra.

Para Vygotsky (2005, p. 170), é clara a interatividade do sujeito com a cultura e como ela cultura vai produzindo o sujeito social. O sujeito é, portanto, um “efeito da cultura”. A linguagem é a consciência que existe na prática para os demais e, por conseguinte, para si mesmo. As atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua vivência, família, relações pessoais e outros. As habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos, mas o resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve.

O pensamento é constituído por unidades separadas que criam uma conexão, preenchem uma função e resolvem um problema. Por isso, ao ser transportado para a linguagem, primeiro passa pelo significado. Convém lembrar que pode ser entendido de forma diversa, ou seja, sofre interferência do meio.

A seguir, apresentamos a análise do processo de referenciação do sujeito cego a partir da entrevista concedida.

PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO ANALISADO A PARTIR DA ENTREVISTA DE FONTES

Para verificar as reflexões desta pesquisa, enviamos, por e-mail, a um sujeito com deficiência visual as perguntas que constam em anexo, para se compreender o processo de referenciação desse indivíduo.

Na entrevista, constatamos que a ação interativa auxiliou, em determinados momentos, ao desenvolvimento de Fontes, como, por exemplo, quando ele diz: “Passei

a pedir aos meus irmãos que lessem para mim alguns capítulos das lições que tinham que estudar [...] decorava alguns dos textos [...] Foi uma forma que encontrei, [...] de manter minha cabeça em atividade [...]”. Isso comprova a hipótese de que a referência se constrói na ação interativa, nesse caso, através da socialização familiar.

Operar com tais abstrações também requer certas habilidades cognitivas específicas desenvolvidas desde a infância. Conforme demonstrado por Vygotsky (2005, p. 152), depois da aquisição da linguagem, o desenvolvimento cognitivo humano se acelera consideravelmente. Esse impulso nos processos cognitivos se dá por meio da visível interação com o mundo e com os falantes ao redor da criança.

De acordo com Marcuschi (2007), a língua é empregada de modo público, coletivo, coordenado e colaborativo, o que ele chama de referenciação. Na entrevista, essa afirmativa do autor foi constatada na passagem “Meus dedos ganharam luz [...] achei o Braille uma coisa muito estranha [...] aprendi a jogar dominó, baralho e alguma coisa de poesia [...]”. Isso demonstra o quanto Fontes aprendeu junto com seus pares, quando foi estudar no Instituto São Rafael.

De acordo com a tradição da ação, especificada por Marcuschi, a fala ou a escrita é um processo em conjunto e pode ser observado novamente quando Fontes, já na escola regular, em seu Curso de Programação de Computadores, e até na UFMG, por não ter acesso a materiais em Braille, contava com a colaboração de colegas que ditavam ou gravavam as matérias. Já no momento em que tinha que fazer as provas, copiava as questões em Braille e depois as resolvia.

Como a língua é mutável e adaptável, o processo de memorização de Fontes utiliza os conhecimentos que ele adquiriu ao longo da vida. Vejam-se os exemplos retirados da entrevista nos trechos a seguir:

- a) “Quanto à memorização de telefones: o prefixo normalmente é mais fácil de guardar por seguir, quase sempre, uma região. [...] tento associá-lo a uma data”.
- b) “Outra estratégia é a de formar uma palavra (em Braille) com os últimos números do telefone” (parêntese acrescentado pela autora).
- c) “Tenho mais facilidade de memorização quando faço a leitura em Braille [...] Parece que a posição 'físico-tátil' da palavra (informação) na folha me ajuda na sua memorização”.

Nos exemplos anteriores, podem-se observar orientações referenciais, coerentes com o aprendizado prévio do sujeito, que são evidenciadas por meio do processo de memorização que utiliza.

A partir da concepção de protótipo e de estereótipo concebida por Koch (2002), pode ser observado, na fala de Fontes, o seguinte aspecto: “Sobre cego, o que eu e minha família sabíamos é que era um fardo, um peso morto para a família / sociedade e objeto de milagres na Bíblia”. De acordo com Fontes, a família escondia das pessoas sua cegueira, em virtude da falta de conhecimento sobre a singularidade desses indivíduos.

Para Koch (2002), a mente humana é um processador de informações, pois ocorre de forma incessante e recebe, armazena, recupera, transforma e transmite informação. Na entrevista com Fontes, verifica-se a ocorrência de todos esses processos, como mostra este trecho:

a) “Eu sabia que no cruzamento de determinadas ruas onde eu caminhava, no passeio de uma delas, bem à esquerda de onde eu passava para atravessar a que lhe cruzava, havia um pouco de grama. [...] eu cheguei nesse referido ponto. [...] Aí, eu me dei conta que estava pisando em algo bem macio. Pensei: com a chuva a grama cresceu bastante. Foi quando ouvi alguém que gritava a mais ou menos uns 50 metros de mim [...] ele essa pisando em minha roupa que eu estou lavando [...] (Disse um) morador de rua.”(parêntese acrescentado pela autora).

b) “Certa noite [...] um senhor me perguntou as horas. Eu olhando para ele respondi: são 22:15 h. E ele bastante irritado me disse: você está achando que eu sou bobo, me falou as horas sem sequer olhar para o relógio? Foi então que falei com ele que eu era cego e tive que lhe mostrar que o meu relógio era em Braille [...]”.

Feuerstein, citado por Novais (2012), reconhece que as operações mentais não se referem a fatos isolados, porquanto o organismo se inter-relaciona, atua e responde à informação e interfere no desenvolvimento do indivíduo. Essa ideia pode ser explicitada na entrevista, da qual extraímos algumas das operações mentais realizadas por Fontes:

a) identificação:

“na casa dos meus pais, o processo de memorização espacial se deu de forma gradual, uma vez que eu perdi a visão aos poucos [...]”.

b) diferenciação e identificação:

“Aprender a identificar os vários pontos da escola através o reconhecimento dos diferentes tipos de piso, dos ruídos vindos das ruas, ou, provocados pelo vento nas árvores, pela observação de lugares mais fechados ou mais abertos.”

c) representação mental e análise síntese:

“Na empresa, procurava usar sempre as técnicas aprendidas na escola. [...] além do ruído do ar condicionado e dos elevadores, me ajudou bastante na memorização espacial.”

d) identificação, diferenciação e codificação – (de) codificação:

“O processo de memorização espacial foi ainda mais tranquilo, uma vez que fomos nós que a construímos. [...] caminhei nas valas abertas para sua fundação; subi em andaimes para ver a altura das paredes e vigas de cintamento etc. [...]”.

e) projeção de relações visuais:

“A posição dos móveis é bem definida e respeitada. Quando há uma necessidade, conveniência ou desejo de muda-los de lugar [...] trato de memorizá-la [...]”.

f) classificação e comparação:

“Não fecho os ouvidos aos ruídos, tais como: canto dos pássaros, rádio, televisão, água, vento nas árvores, etc.”.

O pensamento e a fala são dois processos relacionados entre si, de forma paralela ou que se entrecruzam em certos momentos e se influenciam de uma forma mecânica. As palavras desempenham um papel central no desenvolvimento do pensamento e na evolução histórica da consciência como um todo e são parte fundamental no processo de referenciação, pois, a partir das nomeações e das classificações, criam significações e integram nossas vidas.

Na entrevista, Fontes não usa o Braille – um sistema utilizado por deficientes visuais para a escrita e a leitura - mas ressalta que, em se tratando de figura, considera sua visualização difícil. Por isso, devem-se utilizar recursos variados para sua representação, por exemplo: papéis diferenciados, linhas e tecidos de diferentes dimensões e texturas, ou seja, variados recursos que auxiliaram nessa leitura.

A palavra tem um papel destacado não só no desenvolvimento do pensamento, mas também da consciência. O pensamento e a linguagem são a chave para se compreender a natureza da consciência humana e parte fundamental no processo de referenciação dos sujeitos com deficiência visual.

Outro meio de leitura desses indivíduos são os leitores de texto Braille, que, para Fontes, apesar de serem úteis e um grande avanço na autonomia dos sujeitos cegos,

precisam se adequar às necessidades textuais, com a inclusão dos significados dos vários símbolos existentes, como: sinal de maiúscula, sinal de término ou início do negrito, entre outros símbolos.

Vygotsky (2005, p. 179) assevera que é fundamental entender as relações entre pensamento e língua para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, em que um proporciona recursos para o outro.

CONCLUSÃO

As análises realizadas apontam a relevância do processo referencial do indivíduo cego, tendo em vista que a referenciação se realiza de maneira extremamente variada e dinâmica. Convém lembrar que não é possível estudar a linguagem sem considerar os aspectos cognitivos envolvidos na interação linguística. Nesse contexto, a mente participa da construção do processo de referenciação, através da memória de curto termo (MCT) e da memória de longo termo (MLT). Na entrevista de Fontes, ela é utilizada para armazenar e organizar as informações e auxiliá-lo no conhecimento.

A relação entre a palavra e o significado é uma relação associativa estabelecida através da repetição da percepção simultânea. A associação entre a palavra e o seu significado pode desenvolver-se de maneira mais forte ou mais débil e pode ser enriquecida pela relação com os outros. Nessa entrevista, fica clara a relação entre pensamento e linguagem para a construção de todo o conhecimento do entrevistado.

Pode-se, então, concluir que, no processo de referenciação demonstrado pela entrevista de Fontes, houve uma construção da realidade, e não, uma simples elaboração de informações.

ABSTRACT

This study analyses the strategies by which a blind subject carries out processes of referencing based on theoretical aspects propounded by Luiz Antônio Marcuschi and other researchers in the field with the object of making possible an understanding of the singularities related to referencing in blind subjects. The results of the research demonstrate that when interpreting the individual's process of referencing, concepts of cognitive and mental domain are activated. The results obtained reinforce the proposal sustained by Marcuschi that interaction is a fundamental part of the process of referencing by subjects.

Keywords: Referencing processes, blindness, interaction, construction of meanings.

REFERÊNCIAS

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 35-51.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referência na atividade discursiva**. Disponível em:

<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012>.

Acesso em: 3 maio. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atos de referência na interação face a face. In: _____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 104–123.

MARQUESI, Sueli Cristina. Referência e intencionalidade: considerações sobre escrita e leitura. In: CARMELINO, Ana Cristina; PERNAMBUCO, Juscelino; FERREIRA, Luiz Antônio. **Nos caminhos do texto: atos de leitura**. São Paulo: PUC-SP, [20--]. p. 205 – 232. (Coleção Mestrado em Linguística). Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view/403/330>>. Acesso em: 3 maio. 2012.

NOVAES, Denise Queiroz. **Operações mentais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012. No prelo.

RODRIGUES, Maria Anunciada Nery. O processo da referência na atividade discursiva. **Letras e Letras**, Uberlândia, n. 23, p. 75 – 85, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.letraseletras.ileel.ufu.br/include/getdoc.php?id=597>>. Acesso em: 3 maio. 2012.

TEIXEIRA, Cláudia de Souza. A referência textual numa abordagem cognitiva. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 1, n. 2, p. 129-142, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/28/pdf_18>. Acesso em: 3 maio. 2012.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e linguagem. In: _____. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 149- 190.

APÊNDICE – Roteiro da entrevista²

ENTREVISTA

1 - Identificação do entrevistado:

Nome: João Loures Fontes

Idade: 55 anos

Sexo: masculino

Profissão: analista de sistemas (hoje aposentado)

Formação escolar / acadêmica: Administração de Empresa (UFMG)

2 - Como e quando ficou cego?

Tudo começou quando eu tinha quase nove anos, em fevereiro de 1965. Ao tentar pregar um prego em uma parede para pendurar uma gaiola de passarinho, o prego ao receber a martelada soltou ‘espirrou’ dos meus dedos e atingiu meu olho esquerdo, cortando-o, furando-o. Minha família era muito, muito pobre e morávamos em um lugarejo totalmente sem recursos pertencente a Caratinga. Imediatamente, meus pais me levaram para ser atendido em Caratinga. O médico de lá já me encaminhou para Belo Horizonte. Mas, nada mais, nem aqui, embora toda a dedicação dos médicos que me atenderam, poderia ser feito para salvar minha visão do olho esquerdo.

Após seis meses do acidente, quando eu ainda estava em tratamento do olho esquerdo, meu olho direito apresentou uma significativa diminuição da visão, devido a um processo infeccioso chamado oftalmia simpática. Esse problema evoluiu até me fazer cego aos onze anos.

3 - Indique situações sobre as lembranças dos seus primeiros processos interativos além do núcleo familiar (escola, clubes, igrejas etc.).

No início, e veja, estou falando da década de 60, de quando a informação, a comunicação circulava com a velocidade, se comparada com a dos dias atuais, numa rede que me atrevo a chamá-la de ‘tartaruga net’. Sobre cego, o que eu e minha família sabíamos é que era um fardo, um peso morto para a família/sociedade e objeto de milagres na Bíblia. Assim, minha família tentava esconder de todos os meus problemas, alimentando, às cegas, o preconceito.

Eu perdia, então, os meus pés de poeira a correr pelas ruas, as cores dos pássaros, a liberdade azul de uma pandorga no céu, o gosto molhado de brincar na chuva, o rodar de um pão, os riscos da finca no chão, a alegria do pé na bola, o sabor maduro de frutas no pé, e, principalmente, as lições da escola.

Passei a pedir aos meus irmãos que lessem para mim alguns capítulos das lições que tinham que estudar, principalmente de geografia e ciências. Eu aprendia alguma coisa, decorava alguns trechos dos textos e lhes fazia perguntas sobre o que havíamos estudado. Foi uma forma que encontrei, sem ter consciência do fato, de manter minha cabeça em atividade.

O tempo passava lento com medo de acelerar na escuridão do meu caminho. Mas, em 1969, em uma viagem a Belo Horizonte, meu pai ficou sabendo do Instituto São Rafael, uma escola especializada no ensino para cegos. Perguntou-me se eu gostaria

² Texto ou documento elaborado pelo autor, a fim de complementar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho.

de estudar lá. Respondi imediatamente que sim, mesmo sem saber como poderia um cego ler escrever, etc.

Em 1970 fui para o Instituto São Rafael: eu nasci de novo. Meus dedos ganharam luz e eu estava em minhas mãos. É claro que no início eu fiquei muito assustado: a escola era enorme, eu tinha que me virar sem a sombra protetora da minha mãe, achei o Braille uma coisa muito estranha, havia alunos antigos que gostavam de zombar dos novatos, etc. Mas, de muito positivo, eu vi que eu não era o único cego do mundo, que os cegos poderiam estudar, trabalhar, constituir família. Enfim, poderiam ser felizes.

Conheci pessoas que tinham os mesmos problemas e sonhos meus. Fiz parte de time de futebol. Aprendi a jogar dominó, baralho e alguma coisa de poesia. Tomei parte em peças teatrais, em gincanas culturais, em eventos comemorativos da escola.

O mais importante, é que pelo exemplo de muitos de lá, tomei gosto pelo lutar, pelo nunca desistir. Nos oito anos que ali estudei, aprendi a ser gente e que quando se quer: a diferença faz a diferença.

Quando eu estava na oitava série comecei, em uma escola comum, meu curso de programação de computador, que teria duração de dois anos. No ano seguinte comecei o segundo grau, também em escola comum. Não foi nada fácil, pois, em nenhum dos dois eu tinha material em Braille e não havia naquela época sala recurso e nem CAP (Centro de Apoio Pedagógico) para apoio aos cegos. Então tinha que contar com a colaboração de colegas para me ditar e ou gravar as matérias. Para fazer as provas, muitas delas, tais como matemática, física, química, estatística eu copiava as questões em Braille para então resolvê-las. Outra dificuldade era: o professor, muitas vezes, se esquecia que tinha um cego na sala e escrevia no quadro sem falar o que estava escrevendo ou, ao ditar, por exemplo, uma sentença matemática, se esquecia de falar o (abre ou fecha parênteses) no momento exato deles. Aí, o cego tem que ficar sempre lembrando isso ao professor até que ele se acostume.

Quando terminei meu curso de programação de computador comecei a trabalhar em uma grande empresa, em sua área de informática. No início foi muito difícil, pois, os recursos tecnológicos para cegos nessa área ainda eram pequenos.

Em dezembro de 1981 me casei, e em janeiro de 1982, passei no vestibular da UFMG no Curso de Administração de Empresa, que concluí em 1986. Também nele não tive material em Braille.

Durante o tempo em que trabalhei fiz vários cursos ligados a área de informática. Com isso em conjunto com a evolução tecnológica, como por exemplo, a criação dos programas 'leitores de tela' pude crescer na carreira até me tornar analista de sistemas.

Tenho duas filhas e sempre tentei participar da vida delas, desde trocar fraldas, fazer mamadeiras, ajudar nas tarefas escolares, a fazer castelos de areia na praia, a passar aperto num toboágua, a pular corda, etc. até mesmo ajudar a uma delas no evento de seu casamento. Ah! Já ia me esquecendo de algo muito importante: o de fazê-las CRUZEIRENSES. É claro que para tudo isso contei sempre com a compreensão e o apoio da minha esposa.

4 - Indique situações de comunicação em que houve equívocos de compreensão e como resolveu.

Lembro-me apenas de duas situações:

- Certa noite eu estava indo para casa, de ônibus, quando um senhor me perguntou as horas. Eu olhando para ele respondi: são 22:15 h. E ele bastante irritado me disse: você está achando que eu sou bobo, me falou as horas sem sequer olhar

para o relógio? Foi então que falei com ele que eu era cego e tive que lhe mostrar que o meu relógio era em Braille, que ele abria a tampa e que eu via as horas com o dedo. Demonstrei isso para ele que me pediu desculpas.

- O outro é o seguinte: acho que foi em 1990. Só tenho certeza que foi num ano que choveu por pelo menos 19 dias seguidos. Eu ia de ônibus para o serviço e descia um pouco longe do local do meu trabalho. Eu sabia que no cruzamento de determinadas ruas por onde eu caminhava, no passeio de uma delas, bem à esquerda de onde eu passava para atravessar a que lhe cruzava, havia um pouco de grama. Em uma determinada manhã, por volta das 08:00 h, eu cheguei nesse referido ponto. O sol havia dado as caras e já estava até bem quente. Aí, eu me dei conta que estava pisando em algo bem macio. Pensei: com a chuva a grama cresceu bastante. Foi quando ouvi alguém que gritava a mais ou menos uns 50 metros de mim: ‘ô, filho da p, a minha roupa aí! Esse grito se repetiu algumas vezes e cada vez mais perto de mim. Enquanto isso, eu esperava aparecer alguém para me ajudar a atravessar a rua. Foi aí que apareceu alguém e disse para quem estava gritando: ‘você não está vendo que ele é cego?’ Ao que o outro respondeu: ‘eu não tinha visto a bengala dele, mas ele está pisando na minha roupa que eu estou lavando e pus aí, na grama para quicar no sol.’ Era um morador de rua. Pedi desculpas a ele e fui embora.

5 - Exponha sua opinião sobre os materiais em Braille, quanto aos seguintes aspectos: clareza, abrangência, ilustrações, etc. Aponte as dificuldades e/ou facilidades.

- **Clareza:** quanto à clareza o que quero dizer é que o leitor de textos em Braille tem que aprender o significado de vários símbolos que, normalmente, são usados antes de uma palavra para indicar como a mesma aparece no texto comum. Por exemplo: sinal de maiúscula, de negrito, um sinal que termina o negrito, um sinal de texto de informática, como no caso de: www.xpto.com.br, etc. Para não atrapalhar a clareza é bom que cada publicação em Braille traga uma tabela com os símbolos usados nela, uma vez que alguns são utilizados raramente, podendo, assim, não serem lembrados pelo leitor.
- **Abrangência:** Creio não ser uma boa pessoa para falar da abrangência dos materiais em Braille por não ser um frequentador de bibliotecas de livros em Braille. Sei, entretanto, que será muito difícil alguém encontrar em Braille um manual de sistema operacional de computador, um livro que ensina as complexidades das operações em bolsa de valores, obras volumosas (exceção feita à Bíblia), revistas semanais, tais como a *Veja*, jornais, etc.
- **Ilustrações:** A meu ver, a ilustração em Braille da maioria das figuras geométricas, do contorno dos Estados em um mapa de um país, dos países em um mapa de um continente, etc. e de figuras simples é possível de ser percebida pelo cego. Já uma figura de uma pessoa com um vaso de flores na cabeça, com a mão esquerda segurando o vaso, com um cajado na mão direita e de botas longas até os joelhos confesso que não conseguiria visualizá-la. Penso que se a figura for cheia de detalhes (vários elementos) há de se lançar mão de outros recursos para sua representação, tais como: colas, linhas, barbantes, papéis ou tecidos de diferentes texturas, etc. além de uma legenda (algo elucidando esses elementos).

- **Quanto a apontar dificuldades e / ou facilidades:** não vejo nenhum aspecto de facilidade em relação aos materiais em Braille. Acho que o armazenamento das obras em Braille é um grande problema por serem sempre volumosas e se não for feito com zelo pode danificá-las, apagando o relevo dos pontos do Braille. Outra dificuldade é que sua produção só é feita em gráficas especializadas, enquanto que os materiais editados no sistema comum são facilmente xerocados; isto sem falarmos do uso do computador para se copiar ou imprimir textos e até mesmo livros.

6 - Como aconteceu e como é o processo de memorização espacial nos espaços mais frequentados: casa, escola, trabalho, trajeto.

Quando eu era criança, na casa dos meus pais, o processo de memorização espacial aconteceu de forma gradual, porque perdi a visão aos poucos, e a casa era muito simples, com poucos móveis (obstáculos).

Na escola (Instituto São Rafael), como o espaço era muito grande, com pátios amplos, varandas, corredores e muitas salas, precisei da ajuda de alguns alunos antigos, nos primeiros dias, até aprender a identificar os vários pontos da escola, através do reconhecimento dos diferentes tipos de piso, dos ruídos vindos das ruas ou provocados pelo vento nas árvores, pela observação de lugares mais fechados ou mais abertos. Com o passar do tempo, tive aulas de orientação e mobilidade que me deram técnicas para desenvolver a memorização espacial, inclusive para trajetos nas ruas.

Na empresa, sempre procurava usar as técnicas aprendidas na escola. O prédio onde eu trabalhava era dividido em quatro alas: A1, A2, B1 e B2. As cantinas e as salas de reunião ficavam na mesma posição em todos os andares. Tudo isso, além do ruído do ar condicionado e dos elevadores, ajudou-me a memorizar os espaços. Quanto à casa onde moro hoje, o processo de memorização espacial foi ainda mais tranquilo, uma vez que fomos nós que a construímos. Minha esposa e eu fizemos sua planta; caminhei nas valas abertas para fundá-la; subi em andaimes para ver a altura das paredes e das vigas de cintamento etc. Fomos nós que definimos os lugares de portas, janelas, interruptores, tomadas etc. A posição dos móveis é bem definida e respeitada. Quando há uma necessidade, conveniência ou desejo de mudá-los de lugar, eu tenho, antecipadamente, ciência da mudança e trato de memorizá-la. É comum, é claro, que nos primeiros momentos da mudança eu me desvie de um móvel (obstáculo) que não está mais ali, e, o que é pior, trombe com um que antes não estava cá. Também não abro mão, ou melhor, não fecho os ouvidos aos ruídos do canto dos pássaros, de rádio, de televisão, de água, vento nas árvores etc.

7 - Relate as estratégias empregadas para memorizar números de telefones, dados, matérias de estudo, falas teatrais etc.

Quanto à memorização de números de telefones:

O prefixo normalmente é mais fácil de guardar por seguir, quase sempre, uma região. Quanto aos outros quatro números:

- Primeiro, tento associá-los a uma data. Por exemplo, o telefone da casa dos pais da minha amiga Cristiana é 1838. Como o pai dela é professor de História,

mesmo sem saber nada do que aconteceu naquele ano, associei seu telefone ao ano de 1.838.

- Outra estratégia é a de formar uma palavra com os últimos números do telefone, uma vez que os números em Braille são escritos usando-se as letras de A a J (indo de 1 a 0). Quase nunca isso dá certo. Mas, outro dia, ao anotar o número de um telefone de uma loja, vi que seus últimos números eram 3571 que, em Braille, escrevem-se: (sinal de número) **cega**. O diabo é que era uma loja de luminárias.
- Hoje com o recurso do celular que nos lê a agenda, acho que passou a ser essa a nossa principal estratégia de memorização de telefones.

Quanto à memorização de dados, matérias de estudo, falas teatrais etc.:

Nesse caso, tenho mais facilidade de memorizar quando faço a leitura em Braille do que quando ouço uma gravação ou leio usando um 'leitor de tela' no computador. Parece que a posição 'físico-tátil' da palavra (informação) na folha me ajuda a memorizar.